

Introdução

A literatura histórica vem crescentemente distinguindo e valorizando o que se convencionou chamar de “fatos da memória”. Coincidindo ou não com os assinalados por uma história “oficial” nacional ou de um grupo (partido, sindicato, instituições militares, culturais etc.), os fatos da memória são aqueles retidos e lembrados como marcos significativos quando uma coletividade narra “sua” própria história.

Sem dúvida, tal construção conceitual deve ser entendida no bojo de uma transformação do trabalho historiográfico que se caracteriza por recolocar a história política como área privilegiada de reflexão para o conhecimento de uma sociedade e, em o fazendo, redimensionar, mais uma vez, o papel dos “acontecimentos” e dos “indivíduos” na história. Esta “nova” história política intercepta-se com uma história cultural de fronteiras fluidas com disciplinas como a sociologia e a antropologia.

Os “fatos da memória”, sobretudo quando também são fatos da história destacados pela construção de uma memória política nacional que tem presença e continuidade no tempo, constituem-se em objetos privilegiados de análise para o historiador.

Este é justamente o caso do nosso objeto de análise (neste caso o objeto de estudo é a memória política de um ‘indivíduo histórico’), Pedro Ernesto Batista, interventor no Distrito Federal no pós-30, que aperfeiçoara sua imagem popular de médico bondoso e voltado para o atendimento aos pobres com o uso do rádio e de jornais de grande tiragem. Em sua campanha para a prefeitura em 1934 e no exercício deste cargo, tornou-se um dos primeiros exemplos de político carismático preocupado com as condições de vida e com os interesses da população urbana, e em especial os trabalhadores.

Alguns nomes estão intimamente ligados a lugares. Lugares que por serem referências públicas, que estão literalmente na “boca do povo”, facilmente se tornam “nomes” que demonstram nossa relação de intimidade para com as nossas cidades. “Nomes” que são referências de grandes avenidas, de famosas ruas, de hospitais, estádios, ginásios, colégios e de todos os “locais” que se tornaram “lugares da memória

pública” das cidades. Muitas vezes esses lugares levam os nomes- se substantivam-, mas poucos no cotidiano turbulento das grandes cidades se atentam para os “porquês” da nomeação dos mesmos e até mesmo para as pessoas que lhes emprestam seus nomes. São essas memórias que um dia foram referências vivas da cidade que tornam a mesma não só composta de pedra mas também de alma. É de um desses “nomes-referências” da cidade do Rio de Janeiro que viemos aqui falar. Um nome que hoje é referência geográfica da Cidade do Rio de Janeiro, mas que fora no passado um dos mais populares prefeitos da cidade-capital: Pedro Ernesto Batista.

Para organização da estrutura desta dissertação fizemos uso de uma inspiração literária. Uma passagem do conto “Teoria do Medalhão” de Machado de Assis serve-nos como cicerone metafórico do corpo da dissertação:

[...]Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesado e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o pretimoso dos cidadãos, o noticioso e succulento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário¹.

Nos dois primeiros capítulos dessa dissertação centramos-nos na busca de palavras que juntas ao nome de Pedro Ernesto o qualificavam, o adjetivavam, e na compreensão do processo que levou a substancialização de Pedro Ernesto. Adjetivos e substantivos que são estruturas vitais da língua possibilitam-nos a abordagem de um complexo jogo de significações que nos permitem compreender como e por que os atores sociais envolvidos nesse processo adjetivam o mundo a sua volta e substanciam pessoas. O processo de “substanciação” do nome público de Pedro Ernesto dá o tom do que considera-se inicialmente como a configuração carismática do prefeito. Nos dois primeiros capítulos temos frases. Frases que buscam se integrar a enunciados. Frases

¹ Ver Contos Escolhidos de Machado de Assis. Rio de Janeiro. Editora O GLOBO, 1998, p.36. O conto trata-se de uma conversa entre pai e filho, no dia em que o segundo completa a sua maioridade- à época 21 anos. O pai explica ao filho de modo didático- e como lembra o próprio Machado “ a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli”- como o mesmo deve tornar-se um medalhão. As explicações centram-se no uso da retórica em público e também no âmbito de apropriadas ações para “chamar atenção para si mesmo”. Machado consegue unir “discurso” e “ação” num minúsculo mundo de um conto conseguindo sintetizar as imensas pretensões de controle sobre a recepção das ações que tanto evidenciam o “marketing político moderno”. No conto temos o que Ricoeur, em Tempos e Narrativa, nos chama a atenção para um “expectativa relativa ao futuro[que] está inscrita no presente(p.361)”¹. O “horizonte de expectativa do pai” dá o tom das ações dos meninos em seu espaço de experiência para que o mesmo conquiste o objetivo final: ser um medalhão. Essa delimitação e entrecruzamento de “horizonte de expectativa” e “ espaço de experiência” estará também fortemente marcada nos discursos que analisaremos no primeiro capítulo.

que buscavam um projeto, um sentido. As frases se integram em enunciados, e os enunciados, por sua vez, em unidades de dimensões maiores, até o momento em que o homem virá narrativa própria de uma época. Essa é a organização lúdica dessa dissertação.

No breve primeiro capítulo “Sociogênese do nome”, buscamos a compreensão do complexo âmbito das “influências” que marcaram as memórias pessoais de Pedro Ernesto. Buscamos em cartas e diários uma auto-imagem do próprio Pedro Ernesto. Lembranças das influências de sua família, de suas escolhas profissionais e políticas. Lembranças de um personagem com autoconsciência de sua historicidade, o que não retira o valor interpretativo das mesmas, já que essas primeiras classificações e lembranças do homem Ernesto se rearticularão em seu discurso como uma busca de “sentido” para sua própria história. Pedro Ernesto por ele mesmo e pelos outros. O sentido de uma palavra é o conjunto de suas relações possíveis com outras palavras. O sentido dado a sua própria vida, a apresentação dos fatos advindos a certo momento do tempo, com a intervenção do próprio locutor da narrativa com o intuito de influenciar o outro de algum mundo. É na busca desse discurso posterior sobre o tempo anterior, esse discurso da memória articulada, que iremos problematizar o início desse trabalho de discursos. É o complexo jogo interativo entre discurso e história. Por vezes o primeiro suplanta a segunda, mas por outras vezes é a segunda que “sintoniza” o primeiro com os desejos conjunturais.

No segundo capítulo “Nomes, discursos e conciliação com o tempo” buscamos refletir como o nome de Pedro Ernesto se atrela aos acontecimentos significativos da década de 1930. Verificaremos como “os nomes” de Pedro Ernesto gravitam para os pontos de conciliação com os discursos dos primeiros anos do Governo Vargas. Histórias e sentidos são renegociados visando à construção de um “novo tempo”, de um “novo homem” e de uma “nova nação”. Partilhando essas novidades na “comunidade de sentidos” o homem se integraria num propósito de “redescoberta” e “reinvenção” do Brasil. No bojo da vitória de 1930 há uma confluência de interesses. Mostraremos a construção da memória de Pedro Ernesto Batista como um dos grandes ativistas no marco que foi o ano de 1930 para os homens de seu tempo. Chamado de ‘revolucionário’ em consonância com as diretrizes do governo provisório. Este apoio a Getúlio seria retribuído com sua nomeação para interventor no Distrito Federal, num momento em que tenentes eram conduzidos a cargos semelhantes nos estados. Foi aí que pôde desenvolver um estilo de atuação popular que posteriormente

passaria a incomodar a cúpula militar e o próprio Getúlio. Neste capítulo nos propomos a pensar a maneira como se articula o sentido identitário dado aos discursos. Discursos que são feitos em associações como o Clube 3 de Outubro e como o Partido Autonomista. Associações e partidos que forjam identidades e discursos de um grupo. Os primeiros anos do governo Vargas foram anos de “abertura de possibilidades”, anos que pensamos aqui usando a definição de Thompson como uma “arena de elementos conflitivos”². É nessa arena que estarão sendo negociados os “nomes” atrelados a Pedro Ernesto.

No terceiro capítulo “O homem-narrativa: vozes em conciliação. Vozes em enfrentamento”, o homem Pedro Ernesto deixa de ser somente adjetivo e substantivo de uma época. Ele passa a ser verbo. Aqui pretendemos estabelecer interações para os discursos de diferentes homens. Deixamos aqui de lado os discursos elitistas. Nossos homens não são pacientes, mas resultados de ações e paixões. Discursos que qualificam e desqualificam Pedro Ernesto. Que dão a Pedro Ernesto uma estrutura narrativa. Que dão ao historiador do tempo final a possibilidade de lê-lo por diferentes ângulos. E ler sua eficiência ou ineficiência pelo padrão de reciprocidade estabelecido. Numa tentativa de “síntese barroca”: conciliação e enfrentamento, dívida e dádiva. Os discursos e ações analisados como os “dons, contratos e trocas” de Marcel Mauss. O *gift-presente* e o *gift-veneno* do direito e das línguas germânicas³.

Para que o homem se tornasse narrativa foi preciso conciliar-se ao uso das inovações tecnológicas da época. O rádio torna a “voz” mais eficiente. Mais que apenas um “aparelho” que era uma espécie de metonímia da vida moderna, resultado do desenvolvimento técnico, o rádio foi estimulador de sentidos. Como sugere-nos o famoso pensamento interpretado e reinterpretado por diversos autores: “Os homens criam as máquinas; as máquinas recriam os homens”⁴, ocorre o que Borheim chama de uma “pedagogia do homem pela máquina”⁵. O “ouvir”, o retorno da “oralidade” como forma

² E.P. Thompson. *Costumes em Comum*, p.17.

³ Marcel Mauss. *Ensaio de Sociologia*.

⁴ Um dos mais curiosos pensadores a refletir sobre as mudanças tecnológicas que “remetem o homem para dentro da tecnologia” é Baudrillard, que na passagem a seguir faz do cinema uma reflexão para a existência: “se o próprio mundo tivesse sido mudo como o cinema, imóvel como a fotografia, depois falado, depois em relevo, depois em 3D, para finalmente se tornar virtual como a realidade de mesmo nome – numérico e digital, isto é, chegado à quarta dimensão, onde tudo se tornou não mais mundo, mas afásico, não afônico, mas estereofônico, fractal, mas sem relevo e sem profundidade, visual, mas sem imagem? No fundo, o mundo teria o mesmo destino que o cinema, que seria sua câmera lenta e acelerada, como o filme de uma vida inteira no momento de um desmaio”. In Jean Baudrillard, *Cool Memories IV*, São Paulo, estação Liberdade, 2002, p.57

⁵ Aداuto Novaes(org.). *A descoberta do homem e do mundo*, p.47.

maior da retórica, a apresentação de uma voz pública com capacidade “inaudita”- só para falar de ouvido- de divulgação, mudaram a maneira de “sentir” o mundo dos homens que experimentaram essa tecnologia como o “novo”. Há também uma maneira nova de se “sentir” a política. Senti-la com intimidade e distanciamento. Intimidade pela voz e distanciamento do corpo. O rádio gerou também a curiosidade típica do “afastamento midiático”. É a descoberta de uma nova forma de se estabelecer contato com o “outro”- aqui um outro “auditório”, auditório que isenta a participação do receptor confinado a um espaço em comum com o locutor. Para se fazer política a partir da década de 1930 era necessário se ganhar mentes, corações e ouvidos.

O sentido último da relação de troca, a dimensão de sua força, está em criar um tipo específico de obrigação que se estrutura não apenas em função de uma lógica material de interesses individuais, mas em termos de uma lógica coletiva eminentemente simbólica. Não se fica portanto uma obrigação que seja vista como caráter unicamente de dívida, mas que se forja na noção de compromisso. Compromisso para com o “eu coletivo” e seus desígnios. A construção da liderança de Pedro Ernesto baseava-se no princípio do dar-receber-retribuir e os procedimentos de reciprocidade assumem uma função de fenômeno social “total”-na “Era das totalidades”-, isto é, econômico, jurídico e moral.

Verificamos com certa estranheza a comunhão de sentidos e de paixões que a política nos anos 1930 mobilizava, principalmente quando notamos a “apatia” dos discursos para com a mesma nos dias de hoje. Pedro Ernesto era brindado com poemas, músicas, enredo de escola de samba, mesmo quando sua memória, já desatrelada do centro de gravitação política, desafiava a “ordem” da ditadura de Vargas. Hoje o mundo político ganhou dimensões de descrença, de lugar de retórica até certo ponto “manjada”- a expressão da roubalheira e da sujeira aparecem quase como “lugares comuns” nos discursos. Esse trabalho se pergunta: como a política em torno de Pedro Ernesto construía essa comunhão de sentidos, desejos e projetos?

A tessitura dessas paixões faz uso do material cultural disponível tanto por parte da população quanto por parte da elite intelectual. E mais uma vez Machado de Assis tem razão quando ensina-nos através dos conselhos do pai ao “peralta”: “mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros”. A população acha na tradição mítica historiográfica acerca de Tiradentes uma atualização para Pedro Ernesto. E os intelectuais buscam nos clássicos as explicações para os caminhos trilhados pela história nacional. Ambas são buscas de explicações para o

“tempo vivido”. Tiradentes e Pedro Ernesto se relacionam como figura e preenchimento. Pedro Ernesto passa a ser a sombra e o simulacro do eterno mito, o retorno e a reinterpretação de um mito brasileiro e de mitos ocidentais. Essa era uma interpretação que objetivava mostrar que todas as pessoas e acontecimentos da História do Brasil eram prefigurações do Novo Tempo- tempos de redenção, de progresso, tempo “tecido” por histórias de homens que se encontram no tempo do discurso. No tempo dos sentidos construídos e comungados, mesmo sendo anacrônico o encontro desses homens no tempo histórico.

A política como “vontade de ação” da década de 1930 deixa-nos com a sensação de saudosismo. Havia ali uma certa “inteligência coletiva”, certos “saberes compartilhados” que faziam a receptividade da retórica algo possível. Hoje, no mundo da “política como decepção”, ironicamente aprendemos com os animais como projetarmos uma sensibilidade coletiva⁶. Havia um poderoso medo das massas por parte das elites dirigentes. A resposta à pergunta: “Como dominar as massas?”, passou pela cabeça de grandes intelectuais, e também pelas diretrizes políticas dos anos 1930. O “problema-massa” ajudou a configurar o pensamento elitista. E o elitismo dos discursos políticos foram o “canto das sereias” para os intelectuais que analisam o período fazendo uso do modelo populista de análise historiográfica. Não souberam historicizar as fontes e também entender a sensibilidade do “medo das massas”, e acabaram por dar aos discursos da elite preponderância interpretativa frente a percepção da noção de “troca”.

Essa é uma reflexão de um homem de hoje, com os recursos de sua própria época. Se temos muitos recursos, a precariedade ao avaliar o objeto histórico afastado do tempo presente nos faz enxergar vários obstáculos à frente. Por um lado, estamos munidos de uma ciência que conseguiu resultados expressivos ao interpretar a ‘recepção do discurso político’ em projeções biológicas. A influência decisiva do ‘cérebro emocional’ nos eventos políticos, diz Newberg⁷, pode esclarecer, ainda por que os rituais são uma prática tão importante no teatro simbólico que é a política. Os movimentos estilizados e repetitivos, os símbolos usados nessa teatralização as diferenciam das ações cotidianas e, desse modo, ajudariam o cérebro a percebê-los como eventos mais significativos. Esses acessórios ativariam o sistema límbico, ora

⁶ Ver a revista National Geographic Brasil edição de julho de 2007, cujo título de capa é “Inteligência coletiva- como o estudo de pássaros, abelhas, formigas e peixes vai facilitar sua vida-no trabalho, no aeroporto, na internet.”

⁷ Ver ‘*Why God Won’t Away*’, Andrew Newberg, Ballantine Books, EUA, 2001.

produzindo alegria e harmonia, ora tensão e medo, facilitando a transição para os estados alterados de consciência. Numa sociedade onde o consumidor cada vez mais é visto como referência, o público alvo das mensagens políticas é visto como ‘coleccionador de sensações’ e ‘consumidor de impressões’. Mas como sabemos que a história da ciência é marcada pela parcialidade, por ser produto de ações humanas, nos perguntamos o quanto essas novas informações podem nos ser necessárias e o quanto elas não confirmariam o discurso de um tempo histórico datado. Poderíamos cair na antiga armadilha das interpretações elitistas, vendo no eleitor um “participante passivo”- mesmo com toda incoerência expressa no termo.

Quando nos propomos a analisar um indivíduo através das vozes que o classificam verificamos uma série de virtudes proverbiais, de defeitos igualmente proverbiais, algumas extravagâncias e inflexíveis observâncias às regras. Portanto quando trabalhamos com discursos em espaços de conflito podemos projetar imagens de Pedro Ernesto de como o próprio queria ser percebido, de como o percebiam sem que o mesmo tivesse como conter as classificações, de como ele percebia o seu universo social e de como o universo social o percebia. As classificações modificam-se continuamente. O que o personagem do pai na “Teoria do Medalhão” de Machado de Assis tenta ensinar ao filho é como conter, como se apoderar, como limitar os efeitos dessas classificações. Mas o universo político é por demais contingente. Neste sentido neste sempre o personagem é o determinante da ação. Neste sentido a História política nos permite perceber que o acaso é sempre algo que sucede “em má hora”-para os que se imaginam como únicos determinantes das ações- interrompendo assim o “tempo”, e as “narrativas planejadas”, concebidos segundo parâmetros lógicos, do círculo ou da linha. São essas “aporias da contingência” que impedem o sucesso dos modelos de interpretação populistas. Mas, sub-repticiamente, o dito de Karl Krauss sobre a efetividade da “verdade” dos discursos torna-se relevantes: “As verdades mais genuínas são aquelas que podem ser inventadas”. E neste sentido o “pai do menino peralta” de Machado teria suas razões.